

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

GROUT, Donald e PALISCA, Claude **História da Música Ocidental**. Lisboa: Gradiva Publicações, 1994

STEHMAN, Jacques. **História da Música Européia**. Enciclopédia de Bolso: Bertrand, 1979

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo, Brasiliense, 1991.



**A FORÇA DO DESTINO NO *FREI LUÍS DE SOUSA***

MATSUOKA, Sayuri G.

SIQUEIRA, Ana Márcia A. (Orientadora)

**Resumo**

Este trabalho analisa o elemento trágico no *Frei Luís de Sousa* a partir dos conceitos de daímon e fado. O princípio orientador da pesquisa foi a percepção de que no texto Almeida Garrett associa um preceito religioso da Grécia antiga relacionado à noção de destino, o daímon, às crenças populares portuguesas relativas a pressentimentos e presságios, o fado, aglutinando, dessa forma, em torno da tragédia, componentes narrativos da tradição grega, do arcadismo e do romantismo.

**Palavras-chave:** Frei Luís de Sousa. Tragédia. Daímon. Fado.

---

No *Frei Luís de Sousa*, Almeida Garrett retoma preceitos da tragédia grega que se evidenciam, sobretudo, na ação do destino sobre os personagens. Considerando tal asserção, este estudo destaca a observação da retomada de um tema caro à tragédia clássica em um contexto elaborado sob a ótica romântica. O cotejo entre as noções de *daímon* e fado, relevam, assim, as semelhanças e as diferenças entre as implicações conceituais de demônios, acaso e destino. A análise que Antônio José Saraiva faz, em *Para a história da cultura em Portugal*, sobre os temas e as formas do teatro de Garrett e as considerações de Trajano Vieira, no prefácio do *Édipo-Rei*, e de Walter Burkert e John Raffan, em *Greek religion: archaic and classical*, sobre *daímon* foram alguns dos textos que serviram de aporte teórico para a pesquisa.

Não é fácil definir *δαίμων* (*daímon*). Essa dificuldade se dá tanto na tentativa de uma recuperação semântica do conceito no processo de tradução do grego antigo para o português quanto no que concerne às próprias significações atribuídas a ele no mundo antigo. Uma acepção corrente e que até certo ponto foi convencionalizada é a que equipara *daímon* a demônio. No dicionário da Língua Portuguesa *Houaiss*, por exemplo, a palavra que origina demônio é *daimónion*, variação tradutória para *daímon*. Demônio, nesse caso, pode ser entendido como um “espírito sobrenatural que, na crença grega, apresentava uma natureza entre a mortal e a divina, frequentemente inspirando ou aconselhando os humanos”.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Valcicleia da Costa (2001) salienta que a manifestação do divino na literatura grega se expressa basicamente pelos termos *theoí* e *daímones*, em que *theós* pode representar divindades individuais, e *daímon* seria uma manifestação genérica do divino.

É realmente extenso o emprego do termo na literatura grega e é difícil encontrar similaridades nos significados que se podem atribuir a ele nos diferentes contextos. Walter Burkert (2004), em estudo sobre a religião grega, também acentua sua polissemia. Segundo o autor podemos encontrar significados que o relacionam a um modo de atividade: “é um poder oculto, uma força que domina o homem e o leva a situações sem nome: os sentimentos individuais” (BURKERT, 2004, p. 180); à sorte: se o indivíduo sente que está com sorte, por exemplo, ela atua como um *daímon*, sobretudo quando um deus favorece seu adversário; a uma entidade: “o *daímon* é a expressão velada da atividade divina, mas para ele, não há imagem, nem culto”. O *daímon* é assim o complemento necessário à visão dos deuses como indivíduos com características humanas.

O homem comum chamava o *daímon* de poder de condução, algo como destino, sem a personificação ou visualização daquele que ordena “(BURKERT, 2004, p. 181). Dessa forma, era comum, na Grécia antiga, pensamentos como: “o *daímon* atua sobre mim. Sempre assumirei as responsabilidades, cultivando-o de acordo com os meus meios” (BURKERT, 2004, p. 181). Aqui vemos a solução ética encontrada pelo pensamento antigo para um possível uso indevido da crença em tais entidades: se atribuo ao *daímon* a motivação das minhas atitudes, não posso ser responsabilizado em caso de má conduta. Ao contrário, a crença nos *daímones* requer a noção de responsabilidade sobre o domínio e as consequências das decisões.

Não vemos, assim, uma correlação direta entre a noção de demônio que temos hoje e a noção de seres relacionados ao mal cultuados na antiguidade. Exemplos de poderes demoníacos seriam as *erinyes* – a maldição personificada - e *alastor* – poder personificado da vingança do sangue derramado. *Daímon*, segundo Burkert (2004) não é um termo geral que recobre tais poderes. Ele é o poder do fado, assim como o da vingança e da maldição (BURKERT, p. 181). E é nesse sentido que vemos a aproximação entre a noção de *daímon* e a força do fado que atua no *Frei Luís de Sousa*.

Madalena, a dama portuguesa que, após o desaparecimento do marido, D. João de Portugal, na batalha de Alcácer-Quíber, contrai segundas bodas com D. Manuel, fidalgo distinto, por quem havia se apaixonado, mantém uma lembrança do primeiro esposo que não permite a plenitude de sua felicidade. Paira sobre a senhora sempre um pesar, trazido pela dúvida sobre o fim de D. João:

Com paz e alegria d’alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja...deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que não o

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!...Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. (GARRETT, s.d., p.3)

O temor de Madalena está relacionado a uma possível infração: apesar de ter guardado os sete anos exigidos pelo costume para se casar novamente, Madalena sente, de alguma forma, o retorno iminente do marido, pressentimento reforçado pela crença da filha, Maria, no retorno do grande rei Dom Sebastião e dos seus seguidores. Nenhuma personagem a não ser Madalena carrega tão fortemente sobre si o peso de uma culpa inexplicável. O fado, ou o destino, parece manter sobre a personagem sempre uma ameaça velada. Juntando-se a isso, um mau-presságio, uma expectativa de algo ameaçador constantemente lembrada por ela: "(...) esses contínuos agouros, em que andas sempre, de uma desgraça que está iminente sobre a nossa família" diz Madalena a Telmo Paes sobre as conversas que este tem com Maria, filha de Madalena e D. Manuel, sobre a aura de mistério e superstição que envolve o desaparecimento do Rei Dom Sebastião.

O temor dessa senhora se justifica quando seu primeiro marido retorna depois de 21 anos desaparecido. O ano é 1599, época em que uma solução tranquila para essa situação é impensável. Na verdade, o retorno de Dom João representa a desgraça de Madalena, de Maria e de Dom Manuel. E é realmente o que acontece: o trágico se instaura com força total no texto. Se procurarmos, no entanto, um culpado para todas as adversidades que se abatem sobre a família de Madalena não o encontraremos. Madalena guardou o tempo necessário para contrair novas núpcias (sete anos), Dom Manuel não participou do desaparecimento de D. João, Maria pouco sabia da história. Não temos como culpar um personagem, somente ao fado pode-se atribuir alguma responsabilidade sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Rocha Peixoto (1997) analisa o fado como um dos principais aspectos da cultura popular portuguesa. Não sem motivo o fado, gênero musical português, expressa de forma singular uma sentimentalidade que bem poderia ser somente portuguesa. Aí também se expressa a ideia do destino, de sina, ou acaso que direciona nossas vidas. É ele que faz abater sobre nós as desventuras ou as alegrias, a riqueza ou a miséria. Nisso acredita o povo português, segundo Rocha Peixoto (1997), para quem o alheamento e a resignação portugueses diante das intempéries políticas e sociais são atribuídos ao destino. Assim, conclui o autor: "O fado e o que nele se diz de sonho, de sombra, de amor, de ciúme, de ausência, de saudade e principalmente de conformação com o cru e negro império do destino, eis o que exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O fado é português, é toda uma mentalidade, é toda uma história". (ROCHA PEIXOTO, 1997, p.334-335)

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Se aceitarmos, dentre as noções atribuídas a *daímon*, a ideia de *algo como destino*, como assinala Burkert, estabeleceremos uma correlação entre daímon e fado que evidencia a aproximação da tragédia de Garrett da tradição grega. Sabemos dos resquícios árcades mantidos por Garrett em sua obra a despeito da sua conversão ao romantismo e, sobretudo, no *Frei Luís de Sousa* vemos os traços da literatura clássica. Poder-se-ia dizer que a ordem dos fatos adotada por Garrett segue a mesma utilizada por Sófocles no Édipo-rei, por exemplo.

*Frei Luís de Sousa*, na visão do Antônio José Saraiva de *Para a História da Cultura em Portugal*, é mesmo uma obra clássica, mais do que romântica. Isto porque é nela que Garrett encontra a sua antiga educação clássica. A peça impõe a expectativa de um “desfecho que se aproxima a passos fatais” (SARAIVA, 1984, p. 26). É o que acontece na tragédia grega em que “um fado brinca com os homens” (SARAIVA, 1984, p. 26) e os coloca em situações irremediáveis em que tentativas de fugas e subterfúgios são inúteis. É o que vemos em Édipo-Rei, é o que vemos no *Frei Luís de Sousa*.

Na tragédia grega, a presença do termo *daímon* nos fornece a ideia da atuação do destino no desenrolar da trama. Conforme assinala Trajano Vieira (2007), *daímones* são agentes responsáveis pelo surgimento do inesperado no destino sem necessariamente confundir-se com este: “Mesmo que não se aceite de maneira absoluta o tom categórico da afirmação segundo a qual “Daímon é a interpretação religiosa de *Tykhe*”, deve-se ter em mente as numerosas vezes em que as duas palavras são relacionadas” (VIEIRA, 2007, p. 29). Podemos perceber, por essa distinção, que os *daímones* são formas de representação indissociáveis da noção de sorte, ou acaso, sua proximidade conceitual, pelo menos na tragédia de Sófocles, é tão ostensiva que os dois termos se confundem e se complementam, sugerindo a ideia de um ser atuante para o cumprimento do destino.

É nesse sentido que a sorte, ou o fado, realiza-se segundo uma interferência. Conforme assinala Vieira, “No verso 816<sup>4</sup>, Sófocles usa o composto *ekhrhrodaímon*, um *hapax legomenon*: Édipo considera a hipótese de ter sido ele o assassino de Laio; nesse caso, “que homem seria mais odiado pelos deuses” (*ckhrhrodaímon*)? (VIEIRA, 2007, p. 29). O “demoníaco”, nesse caso, ainda segundo Vieira, não denotaria o teor moral ou teológico do sofrimento ou da crueldade das circunstâncias, mas a intervenção no humano de algo estranho a si mesmo. Seria um *daímon* guiando o homem em uma existência sem o conhecimento da verdade, pois esta *alétheia* estaria ao alcance somente dos deuses: “O ‘demoníaco’ é o modo de Sófocles deixar na penumbra um

---

<sup>4</sup> O verso se refere à edição do *Édipo Rei* prefaciada e traduzida por Vieira, texto contido nas referências bibliográficas.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

elemento da experiência humana; a catástrofe descende inesperada e inevitavelmente de algum lugar". (VIEIRA, 2007, p. 29)

O que vemos no cotejo entre as personagens de Madalena e Édipo é que ambos são conduzidos a uma transgressão, pela qual sofrem a punição. Édipo não conhece o pai a quem tira a vida, cumprindo assim a profecia do oráculo, Madalena espera passarem-se os sete anos necessários para que seja considerada viúva e só então inicia uma nova família. Não obstante o desconhecimento de Édipo e a espera de Madalena, ambos têm suas existências esmagadas por terem cometido atos aos quais foram conduzidos pelas mãos de destino que pode ser compreendido tanto pela noção de daímon, espécie de síntese de vontade humana e acaso, quanto pela noção de fado, manifestação sentimental portuguesa da ideia de destino.

### **Referências**

BURKERT, Walter; RAFFAN, John. **Greek Religion: archaic and classical**. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

COSTA, Valcicleia Pereira da. **O "Daimon" de Sócrates: conselho divino ou reflexão?** Cadernos de Atas da ANPOF, no 1, 2001.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

FREIRE, Antonio. Religiosidade do Povo Grego. In: \_\_\_\_\_. **Teísmo Helénico e Ateísmo Actual**. Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1983, p. 57- 105.

GARRETT, Almeida. **Frei Luís de Sousa**. Lisboa: Porto Editora, s.d., Biblioteca Digital, Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa.

PEIXOTO, Rocha. O cruel e triste fado. In: **Etnográfica**, Vol 1 (2), 1997, p. 331-336.

SARAIVA, Antônio José. **Para a História da Cultura em Portugal**. Lisboa: Livraria Bertand, 1984, vol. II.

SORENSEN, Eric. **Possession and exorcism in the New Testament and early Christianity**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2002.

VIEIRA, Trajano. **Édipo Rei de Sófocles**. São Paulo: Perspectiva, 2007.



## **O "SOL ESCURO" NO IMAGINÁRIO ESCATOLÓGICO CATÓLICO**

MENEZES, Kalliany M.  
DAMASCENO, Francisco J. G. (Orientador)

### **Resumo**

Apesar da Igreja Católica condenar os milenarismos, estes apareceriam nas referências aos fenômenos sociais e naturais, como o eclipse solar de 1999, quando parte da população buscou benzer velas para se